

# Deputada representa favelados

De favelada, a deputada federal Maria de Lourdes Abadia (PSDB/DF) tornou-se conhecida como uma das primeiras lideranças candangas pelo seu trabalho de coordenação do projeto que criou a cidade-satélite de Ceilândia. Como assistente social, Abadia comandou de março de 1971 a março de 72 a remoção de 85 mil favelados de sete invasões para o que é hoje a maior cidade do Distrito Federal. "Na época fomos para lá sem água, luz ou qualquer infra-estrutura, mas ainda era possível acreditar nas promessas de urbanização do governo, realmente concretizadas", explica a deputada.

Em 1971, relembra Abadia, um seminário realizado em Brasília discutia o rumo das favelas, que tomavam proporções assustadoras já naquela época. Mesmo sem recursos, decidiu-se pela união dos 85 mil favelados em 14.854 lotes na futura cidade-satélite que se chamaria Ceilândia. Nos tempos de repressão do governo Geisel, lembra Abadia, não havia oportunidade de reivindicações políticas nem organizações sindicais e o povo se interessava apenas em ter local próprio para morar. Dessa forma, segundo a deputada, todos concordaram em mudar para um campo aberto no cerrado, sem infra-estrutura alguma, crentes nas promessas de melhorias.

"Hoje em dia, o favelado só sai da invasão se tiver casa, água, luz e transporte. Tudo cômodo. Naquela época, éramos pioneiros, vivíamos como no feroeste", afirma Abadia. Só depois de cinco anos de transferência os moradores puderam dispor de água e luz. Com o tempo vieram as escolas, centros de saúde, delegacias e asfaltamento do sistema viário.

A concretização de Ceilândia trouxe também dores de cabeça para a deputada. Ao contrário do governo atual, que

oferece concessão de uso de lote, foi promovida a venda de terrenos em Ceilândia a preços simbólicos, o que acabou por incentivar a especulação e a comercialização descontroladas. Para Abadia, entretanto, a satisfação de ver Ceilândia pronta superou as dificuldades. "Me inspirei muito na forma de vida de minha família humilde. Eu vivi com os invasores, sabia de suas angústias e aspirações", diz Abadia, filha de doméstica e jardineiro, que dedicava as noites de sua adolescência a alfabetizar peões de obra.